

SAÚDE E AMBIENTE

V.9 • N.2 • 2023 - Fluxo Contínuo

ISSN Digital: 2316-3798

ISSN Impresso: 2316-3313

DOI: 10.17564/2316-3798.2023v9n2p169-179



AVALIAÇÃO DA CAPACIDADE DE AUTOCUIDADO DE MULHERES TRANSEXUAIS

ASSESSMENT OF THE SELF-CARE CAPACITY
OF TRANSSEXUAL WOMEN

EVALUACIÓN DE LA CAPACIDAD DE AUTOCUIDADO
DE MUJERES TRANSEXUALES

Aléxia Marielle Damasceno Padilha¹

Líscia Divana Carvalho Silva²

RESUMO

Autocuidado é a maneira que o ato de cuidar de si mesmo tem finalidade de preservar a vida e o bem-estar pessoal. Infere-se a existência de déficit de autocuidado e a capacidade de realizá-lo com as demandas terapêuticas. Objetivou-se descrever a capacidade de autocuidado de mulheres transexuais. Estudo qualitativo realizado com 12 mulheres transexuais no Ambulatório de Sexualidade do Hospital Universitário do Maranhão, Brasil. Foi utilizada a Escala Appraisal of Self-care Agency sob o referencial da Teoria do Déficit do Autocuidado de Orem. Estudo aprovado no Comitê de Ética em Pesquisa. Prevaleceu idade menor de 30 anos (75,0), cor parda (58,3%), escolaridade média a alta (66,7%), solteira (83,4%), renda de 1 a 2 salários, moradia com os pais (50,0%) e agnósticas (33,3%). As mulheres transexuais inspecionam seu corpo (83,3%), são capazes de realizar uma avaliação do que pode ser benéfico para sua saúde (58,3%), pedem ajuda aos amigos quando necessitam (41,7%), solicitam informações sobre sua saúde (83,3%) e esclarecimentos quando precisam tomar uma nova medicação (58,3%). Apresentam boa capacidade de autocuidado (66,7%). As mulheres transexuais procuram os serviços de saúde, sobretudo, no processo de transformação do corpo com engajamento, determinação e necessidade de adaptação a situações adversas.

PALAVRAS-CHAVE

Autocuidado. Identidade de Gênero. Teoria de Enfermagem.

ABSTRACT

Self-care is the way that the act of taking care of oneself has the purpose of preserving life and personal well-being. It infers the existence of self-care deficit and the ability to perform it with therapeutic demands. This study aimed to describe the self-care capacity of transsexual women. A qualitative study was conducted with 12 transsexual women at the Sexuality Outpatient Clinic of the University Hospital of Maranhão, Brazil. The Appraisal of Self-care Agency Scale was used under the framework of Orem's Self-Care Deficit Theory. Study approved by the Research Ethics Committee. Age less than 30 years (75.0), brown (58.3%), medium to high schooling (66.7%), single (83.4%), income from 1 to 2 minimum wages and housing with parents (50.0%) and agnostic (33.3%) prevailed. Transgender women inspect their bodies (83.3%), are able to perform an assessment of what can be beneficial to their health (58.3%), ask for help from friends when they need them (41.7%), ask for information about their health (83.3%) and clarification when they need to take a new medication (58.3%). They have good self-care capacity (66.7%). Transgender women seek health services, especially in the process of body transformation with engagement, determination and need to adapt to adverse situations.

KEYWORDS

Self-care. Gender Identity. Nursing theory.

RESUMEN

El autocuidado es la forma en que el acto de cuidarse a sí mismo tiene el propósito de preservar la vida y el bienestar personal. Para inferir si existe o no un déficit de autocuidado, se está reduciendo la capacidad de realizarlo con demandas terapéuticas. Este estudio tuvo como objetivo describir la capacidad de autocuidado de las mujeres transexuales. Se realizó un estudio cualitativo con 12 mujeres transexuales en el Ambulatorio de Sexualidad del Hospital Universitario de Maranhão, Brasil. La Escala de Evaluación de la Agencia de Autocuidado se utilizó en el marco de la Teoría del Déficit de Autocuidado de Orem. Estudio aprobado por el Comité de Ética en Investigación. Predominaron la edad menor de 30 años (75,0), morena (58,3%), escolaridad media a media (66,7%), soltera (83,4%), ingresos de 1 a 2 salarios mínimos y vivienda con padres (50,0%) y agnóstica (33,3%). Las mujeres transgénero inspeccionan sus cuerpos (83,3%), son capaces de realizar una evaluación de lo que puede ser beneficioso para su salud (58,3%), piden ayuda a los amigos cuando los necesitan (41,7%), piden información sobre su salud (83,3%) y aclaraciones cuando necesitan tomar un nuevo medicamento (58,3%). Tienen buena capacidad de autocuidado (66,7%). Las mujeres transgénero buscan servicios de salud, especialmente en el proceso de transformación corporal con compromiso, determinación y necesidad de adaptarse a situaciones adversas.

PALABRAS CLAVE

Autocuidado. Identidad de género. Teoría de la Enfermería

1 INTRODUÇÃO

O autocuidado é uma função humana reguladora que as pessoas desempenham deliberadamente por si próprias ou que alguém a execute por elas para preservar a vida, a saúde, o desenvolvimento e o bem-estar. Quando atua de forma consciente, controlada, intencional e efetiva, atingindo a real autonomização, é designada por atividade de autocuidado (PINTO et al., 2017).

Segundo a Teoria do Déficit do Autocuidado (TDAC) de Dorothea Orem, autocuidado é a maneira que o ato de cuidar de si mesmo tem finalidade de preservar a vida e o bem-estar pessoal. Quando não capacitado para se auto cuidar, o indivíduo apresenta um déficit do autocuidado (MOREIRA et al., 2019). O déficit de autocuidado é quando as capacidades de autocuidado são menores que as demandas terapêuticas de autocuidado, ou seja, medidas necessárias para cuidar de si em momentos específicos para atender todos os requisitos de autocuidado necessários à pessoa. Então, para inferir se existe ou não déficit de autocuidado mede-se a capacidade de realizá-lo com a demanda (PIRES et al., 2015).

Com base na implementação da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), houve um reconhecimento da dificuldade em cuidados de saúde nessas populações, a partir de questões discriminatórias que, aos poucos, vêm sendo reduzidas no Sistema Único de Saúde (SUS). Sendo que a população trans e travesti é uma das mais afetadas negativamente. Portanto, existe uma necessidade de aperfeiçoamento no atendimento a essas populações. Os profissionais da saúde possuem conhecimento sobre a saúde LGBT, porém necessitam de mais treinamentos para trabalharem com a população e conseguir lhes proporcionar um bom atendimento (SILVA et al., 2021).

A reversão desse cenário passará, necessariamente, pela Enfermagem, dada a sua presença massiva nos serviços e pelo alto grau de interação que possui com os usuários. O cuidado ético e eficiente transcende o respeito e a empatia, e demanda a construção de saberes e práticas capazes de atender à pessoa trans em sua singularidade e plenitude da vida, sem restringi-la tão somente às dimensões de gênero. Há avanços recentes com a criação de políticas públicas específicas e garantias de direitos a esse segmento populacional no Brasil. No entanto, ainda há muito a ser feito para a construção de uma sociedade mais inclusiva, não violenta e que respeite todas as possibilidades de gênero e de vida (ROSA et al., 2019).

Nesse sentido, os esforços requerem o envolvimento de todos para manter uma assistência no autocuidado e prevenção de saúde de pessoas trans. Propõe-se que, desde a formação acadêmica, seja abordada essa temática, com o intuito de incentivar os profissionais da saúde a terem uma percepção frente às intervenções no cuidado oferecido à população (SILVA et al., 2021).

A relevância social e científica do estudo se dá pela oportunidade de proporcionar uma reflexão sobre a assistência à pessoa trans, contribuindo para a reorganização de um cuidado integralizado e

despido de preconceito. A equipe multiprofissional deve estar apta para o atendimento das necessidades de saúde dessa clientela, minimizando conflitos e desenvolvendo atitudes proativas sobre seu autocuidado. O objetivo do estudo foi avaliar a capacidade de autocuidado das mulheres transexuais.

2 MÉTODO

Estudo exploratório-descritivo de abordagem quanti qualitativa realizado no Ambulatório de Sexualidade do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão (HUUFMA), de assistência terciária e de referência para o Estado.

A amostra foi composta por 12 mulheres trans adultas em terapia hormonal e/ou foram submetidas à cirurgia de redesignação sexual. A coleta de dados ocorreu de agosto a setembro de 2019 no Ambulatório de Sexualidade do HUUFMA após a explicação dos procedimentos éticos, garantindo o anonimato e confidencialidade das informações.

O instrumento de coleta de dados compreendeu questões sociodemográficas e econômicas e da Escala Appraisal of Self-care Agency (ASA-A) que avalia a capacidade de autocuidado segundo a Teoria de Dorothea Orem. A Escala ASA-A, validada no Brasil, mostrou no processo de adaptação transcultural alta confiabilidade e fidedignidade (BARROS, 2019; SILVA et al., 2017).

Para a organização dos dados, foram estabelecidas as frequências absolutas e relativas da caracterização sociodemográfica e econômica e das variáveis da capacidade de autocuidado. A partir da análise das entrevistas, emergiram quatro variáveis de sentido: I) Inspeção do corpo; II) Avaliação da saúde; III) Ajuda aos amigos; IV) Busca de informações.

O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Hospital Universitário da Universidade Federal do Maranhão, parecer número 2.893.059 (CAAE 95593018.8.0000.5086).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostraram majoritariamente mulheres transexuais com menos de 30 anos (75,0%), média de 28 anos, cor parda (58,3%), escolaridade média a alta (66,7%) e solteiras (83,4%). Metade possui renda de 1 a 2 salários mínimos, moram com pais (50,0%) e são agnósticas (33,3%).

A expectativa de vida de transexuais não ultrapassa 35 anos, o que corresponde a menos da metade da média nacional de 74,9 anos da população em geral (BRASIL, 2016) e está relacionado às situações de violências, complicações e fatalidades como o uso abusivo de hormônios e silicone industrial (FERREIRA, et al., 2017; CARRARA et al., 2019). Andrade e colaboradores (2018) e Ferreira e colaboradores (2018) esclarecem que transexuais para alcançarem formas femininas submetem a procedimentos estéticos de maneira clandestina com muitos riscos à saúde.

A permanência como solteira pode ser além de uma opção/escolha conjugal, mas a própria dificuldade de manter relações diversas do seu registro civil originário ou a forma de se protegerem contra o preconceito e/ou situações constrangedoras em espaços públicos. A escolaridade e o poder aquisitivo podem interferir no autocuidado. Quanto maior a escolaridade maior a preocupação e aten-

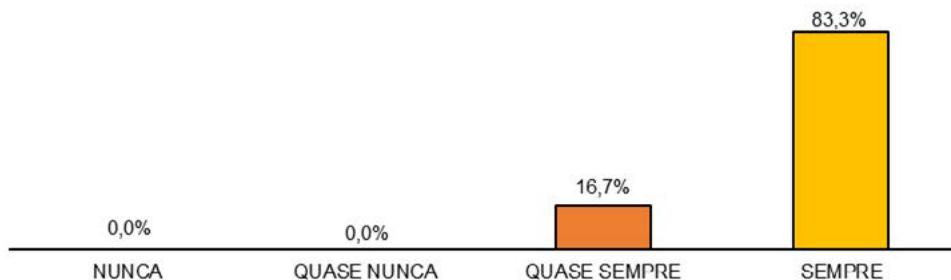
ção com a saúde e quanto menor for o poder aquisitivo menor os cuidados voltados para transformação do corpo. Possuir moradia fixa em boas condições reflete positivamente no bem-estar (SILVA et al., 2016; NOGUEIRA et al., 2017; PINTO et al., 2017).

De acordo com Santos (2015), a religião é um fator importante no mecanismo de enfrentamento às situações cotidianas. A autora ressalta que é comum crenças e valores interferirem nas ações de autocuidado. Ademais, pode existir uma associação da religiosidade com a qualidade de vida, uma vez que é utilizada como meio de manejar o estresse e as adversidades da vida.

A seguir serão apresentadas algumas variáveis da capacidade de autocuidado segundo a Escala *Appraisal of Self-care Agency* (ASA-A).

Pode-se observar na figura 1 que todas as mulheres transexuais (100%) inspecionam seu corpo quando percebem alguma alteração, o que expressa a importância que dão para as suas condições corporais.

Figura 1- *Inspecção do corpo:* Capacidade de inspecionar o corpo para identificar alteração. São Luís – MA, 2019.



Fonte: Dados da pesquisa

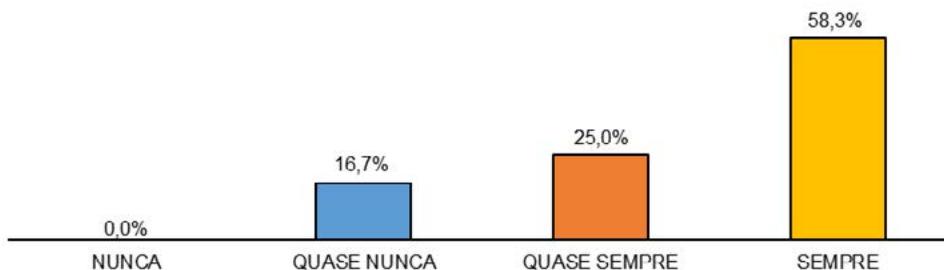
A autoimagem pode ser entendida como o modo que o indivíduo visualiza o seu próprio corpo, influenciado por situações vividas ao longo da vida. Compreende à subjetividade, a maneira que a pessoa sente ou percebe seu corpo, e no caso de transexuais em decorrência da incompatibilidade do órgão genital, ao que lhe foi atribuído no início da vida (SAMPAIO; COELHO, 2017).

A modificação da autoimagem pela construção do corpo feminino, é necessária não apenas com objetivo de promover a saúde, mas para o resgate da autoestima, fortalecendo a saúde, o corpo saudável. Quando mulheres transexuais se encontram com sua autoestima elevada, sentem-se mais estimuladas para realizarem atividades cotidianas (ANDRADE et al., 2018).

A representação que cada um possui do seu corpo pode interferir na realização de atividades diárias de autocuidado. Barros e colaboradores (2019) ressaltam que a percepção do próprio corpo interfere na qualidade de vida, de tal modo, que intervenções que visem ressignificar a relação estabelecida com o corpo pode atuar como aspecto protetivo, uma vez que a insatisfação corporal é motivo potencial para automutilação (SILVA et al., 2017).

Pode-se observar na figura 2 que todas as mulheres transexuais (100%) são capazes de realizar uma avaliação do que pode ser bom para sua saúde.

Figura 2 – Avaliação da saúde: Capacidade de avaliar o que benéfico para a saúde. São Luís – MA, 2019.

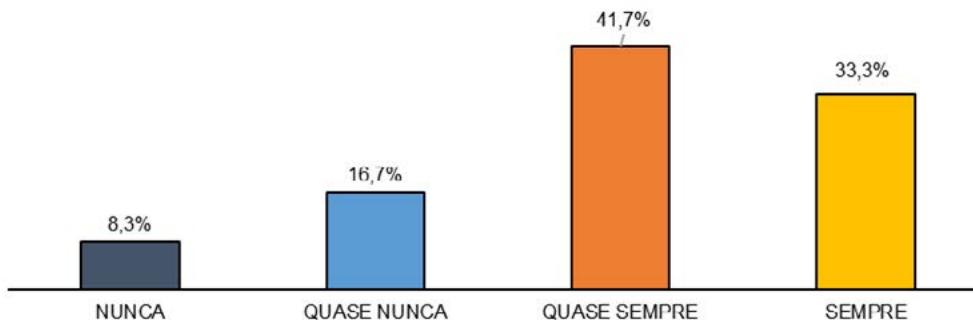


Fonte: Dados da pesquisa

O conhecimento popular prevalece nos requisitos de autocuidado. Transexuais possuem intenção de garantir seu direito de expressão em relação à saúde mediante as próprias convicções sobre ser saudável (ANDRADE et al., 2017). Entretanto, para algumas mulheres transexuais cuidar da saúde é, prioritariamente, possuir um corpo belo e feminino, utilizando-se de métodos para alcançar tais objetivos, como o uso exagerado e não supervisionado de hormônios femininos (SAMPAIO; GERMANO, 2017).

Pode-se observar na figura 3 que 91,7% das mulheres transexuais pedem ajuda aos amigos, quando necessitam.

Figura 3 - Ajuda aos amigos: Capacidade de recorrer aos amigos. São Luís – MA, 2019.



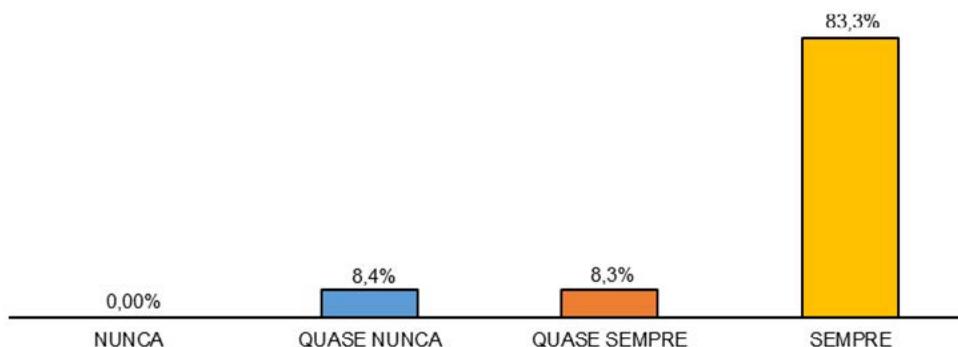
Fonte: Dados da pesquisa

Transexuais acabam encontrando nas redes de amigos o acolhimento da sua identidade, travando uma relação de apoio e confiança, diferente dos conflitos familiares da não aceitação do gênero, os quais culminam na expulsão de suas casas ou os obrigam a evadir-se do seio familiar. Sabe-se que transexuais são expulsos de casa, deixando o convívio familiar e, acabam buscando como rede de apoio amigos e organizações comunitárias que aceitem a sua identidade de gênero fortalecendo de laços de suporte e confiança (ZUCCHI et al., 2019).

Nesse contexto, é imprescindível reiterar que o apoio ao processo transexualizador deverá advir não só da rede de amigos, mas, principalmente, da família, que oferecerá subsídios essenciais no processo de estabelecimento de uma identidade de gênero.

Pode-se observar na figura 4 que todas as mulheres transexuais (100%) solicitam informações e esclarecimentos aos profissionais sobre sua saúde.

Figura 4 - Solicitação de informações: Capacidade de solicitar informações dos profissionais de saúde. São Luís – MA, 2019.



Fonte: Dados da pesquisa

Segundo Monteiro e Brigueiro (2019) transexuais têm dificuldades no acesso aos serviços públicos, ocasionada principalmente pelo constrangimento da não utilização do seu nome social pelos profissionais, o que caracteriza uma transgressão de direito, uma forma de discriminação. Além disso, enfatizam a escassez de orientações.

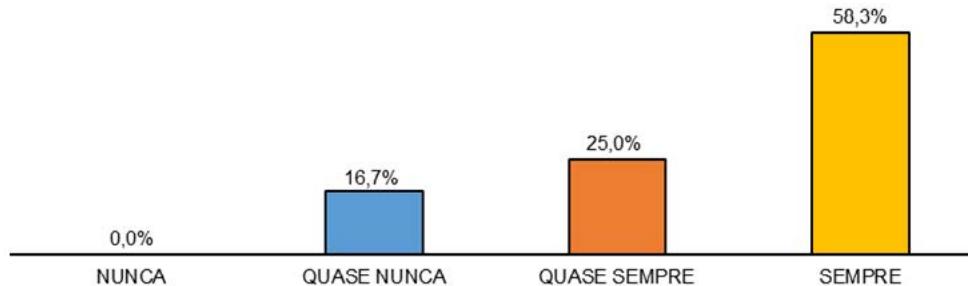
Andrade e colaboradores (2018) relata que “a utilização de uma teoria de enfermagem na prática de autocuidado em transexuais femininas é importante por proporcionar maior comunicação terapêutica”. Além disso, conhecer as demandas de autocuidado de transexuais proporciona embasamento ao enfermeiro para realizar ações educativas, para o desenvolvimento da capacidade e aptidão para o autocuidado.

Transexuais procuram os serviços de saúde para diversos tipos de atendimentos, sobretudo relacionado ao processo de transformação do corpo, e devem ser submetidos a um regime de tratamento

eficaz. Nessa perspectiva para um atendimento equânime, é imprescindível qualificar os profissionais no atendimento a situações específicas, quais sejam a utilização do nome social ao uso de terapia hormonal e/ou do processo transexualizador (ARAÚJO et al., 2018).

Pode-se observar na figura 5 que todas as mulheres transexuais (100%), de algum modo, solicitam informações quando precisam tomar uma nova medicação.

Figura 5 - Capacidade de solicitar informações sobre uma nova medicação. São Luís – MA, 2019.



Fonte: Dados da pesquisa

Devido o descontentamento com as suas características corporais, desejam utilizar hormônios, estrogênio e/ou progesterona, a fim de tornar seu corpo conforme as atribuições secundárias. Transexuais optam pela utilização indiscriminada de hormônios, podendo gerar efeitos negativos para a saúde como o aumento do risco de doenças coronarianas, acidente vascular encefálico e episódios tromboembólicos (ANDRADE et al., 2018).

O acesso aos serviços de saúde, às políticas públicas e à circulação, em diferentes territórios e instituições, também é dificultado (SILVA et al., 2015). Há necessidade de fomentar redes de atenção à saúde dessa população com propósito de inseri-las nas relações sociais de maneira justa e sem danos, favorecendo uma interação de respeito e valorização da diversidade sexual, erradicando normas socialmente colocadas e tornando a população mencionada possuinte de suas próprias decisões (SILVA et al., 2016; SIYAN et al 2017).

Segundo Andrade et al. (2018), na Atenção Primária a Saúde (APS), os programas visam, em sua maioria, a criança e a gestante, abordando a mulher, sobretudo, em sua fase de reprodução. Assim, sob a ótica de transexuais que utilizam esses serviços, constata-se que essa população não é incluída nesse processo, além de enfrentar o modelo biomédico preponderante nas práticas de saúde, pois o gênero é integrado ao sexo biológico com pouco foco na educação em saúde, que promova o desenvolvimento de ações deliberativas de autocuidado.

A capacidade de autocuidado se consolida quando o indivíduo pode ou consegue executar o autocuidado deliberadamente. Nesse sentido, segundo a Escala *Appraisal of Self-care Agency* (ASA-A) a maioria das mulheres transexuais apresentou boa capacidade de autocuidado (66,7%).

4 CONCLUSÃO

A maioria das mulheres transexuais apresenta boa capacidade de autocuidado, pois o cuidado a si mesmo é efetivamente realizado com engajamento, determinação e necessidade de adaptação a algumas situações adversas.

Como ações de autocuidado relatam preocupação com o seu corpo, avaliam o que é bom para sua saúde, buscam informações dos profissionais sobre medicamentos e esclarecimentos sobre o que não conseguem compreender e recorrem a amigos quando precisam.

A perspectiva foi promover uma interpretação reflexiva sobre a capacidade de autocuidado das mulheres transexuais, pois na literatura atual persiste uma lacuna de conhecimentos sobre essa temática contribuindo com novos conhecimentos.

Reconhece-se como limitações deste estudo, a amostra reduzida de um grupo específico, sugere-se que a proposta de pesquisa seja ampliada a outras realidades e serviços.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, C.A. et al. Requisitos de autocuidado de mulheres transexuais em uso de hormônios sexuais segundo Teoria de Orem. **Cogitare Enferm**, v. 23, n. 3, 2018.

ARAÚJO, I.A. et al. Pessoas transexuais e o acesso aos serviços de saúde no Brasil: revisão integrativa. **Cad Esp Ceará**, v. 12, n. 2, p. 112-127, 2018.

BARROS, V.A. et al. Qualidade de vida e satisfação com a imagem corporal de transexuais. **Arq Bras Psico**, v. 71, n.1, p. 184-195, 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Cuidar bem da saúde de cada um. Faz bem para todos, faz bem para o Brasil**. Brasília, DF, 2016.

CARRARA, S. et al. Body construction and health itineraries: a survey among travestis and trans people in Rio de Janeiro, Brazil. **Cad Saúde Públ**, v. 35, n. 4, 2019.

FERREIRA, B.O. et al. Vivências de travestis no acesso ao SUS. **Physis: Rev de Saúde Col**, v. 24, n.4, p. 1023-1038, 2017.

FERREIRA, D.G. et al. Meus dias, minha saúde: estudo local sobre a realidade social e os cuidados com saúde de travestis e transexuais em Mato Grosso. **Connecton Line**, n. 18, p. 69-88, 2018.

MONTEIRO, S.; BRIGEIRO, M. Experiências de acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. **Cad Saúde Pública**, v. 35, n. 4, 2019.

NOGUEIRA, S.N.B. et al.; Dossiê: a geografia dos corpos das pessoas trans. Aracaju: **Rede Trans Brasil**, 2017.

PINTO, T.P. et al. Silicone líquido industrial para transformar o corpo: prevalência e fatores associados ao seu uso entre travestis e mulheres transexuais em São Paulo, Brasil. **Cad Saúde Públ**, v.33, n.7, p. 1-13, 2017.

PIRES, A.F. et al. A Importância da Teoria do Autocuidado de Dorothea E. Orem no Cuidado de Enfermagem. **Rev Rede Cuid Saúde**, v.9, n.2, p.1-4, 2015.

SAMPAIO, J.V. et al. “Tudo é sempre de muito!”: produção de saúde entre travestis e transexuais. **Est Feministas**, v. 25, n.2, p. 562, 2017.

SANTOS, D.D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. **História, Ciências, Saúde**, v. 12, n. 2: p. 547-54, 2015.

SILVA, J.F.L. et al. Autocuidado a Saúde LGBT e sua Percepção em Relação à Atuação dos Profissionais de Saúde. **Ensaio Ciên**, v.25, n.4, 2021, p.456-461, 2.021.

SILVA, G.W.S. et al. Situações de violência contra travestis e transexuais em um município do nordeste brasileiro. **Rev Gaúcha Enferm**, v.37, n. 2, p.1-7, 2017.

SILVA, R.G.L. et al. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. **Rev Ter Ocup Univ São Paulo**, v. 26, n. 3, p. 364-372, 2015.

ROSA D.F. et al. Assistência de Enfermagem à população transgêneros na perspectiva da prática profissional. **Rev Bras Enferm**, v. 72, Suppl 1, p.:299-306, .2019.

ZUCCHI, E. et al. Bem-estar psicológico entre travestis e mulheres transexuais no Estado de São Paulo, Brasil. **Ca. Saúde Públ**, v. 35, n. 3, 2019.

YI, SIYAN et al. HIV prevalence, risky behaviors, and discrimination experiences among transgender women in Cambodia: descriptive findings from a national integrated biological and behavioral survey. **BMC Int Health Hum Rights**, v. 14, n.1, 2017.

Recebido em: 15 de Novembro de 2022

Avaliado em: 10 de Dezembro de 2022

Aceito em: 10 de Dezembro de 2022



A autenticidade desse artigo pode ser conferida no site <https://periodicos.set.edu.br>

Copyright (c) 2023 Revista Interfaces Científicas - Saúde e Ambiente



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License.

1 Enfermeira. Especialista em Estomoterapia. Universidade Federal do Maranhão - UFMA, São Luís - MA. Brasil.
ORCID: 0000-0003-1360-333X.
E-mail: alexia_mariele@hotmail.com

2 Enfermeira. Doutora em Ciências. Docente da Universidade Federal do Maranhão-UFMA, São Luis, MA. Brasil. ORCID: 0000-0002-3624-6446.
E-mail: liscia.divana@ufma.br

